

**18/7/1986**

**Ferido pode reconhecer PM que o baleou**

São Paulo — Ferido com um tiro na perna direita, o bóia-fria Paulo Honório Pereira, de 26 anos, assegurou à comissão que investiga o conflito na cidade de Leme que pode identificar o policial militar que o baleou, a uma distância de 15 metros, na última sexta-feira. Seu depoimento foi tomado na noite de quarta-feira — hoje estão previstos os depoimentos, de outras oito testemunhas e vítimas do confronto — e a testemunha admitiu que jogou pedras contra os PMs.

A partir de hoje, o delegado-seccional de Rio Claro, José Tejero — o segundo delegado a presidir o inquérito desde sua abertura — afasta-se da direção das investigações por 15 dias, dando lugar ao seu colega de Piracicaba, Adolpho Magalhães Lopes. O secretário da Segurança Pública, Eduardo Muylaert e o delegado-geral de polícia, Abraão José Fouri Filho, desmentiram que Tejero estaria sendo afastado por pressionar testemunhas e favorecer os policiais militares envolvidos. José Tejero deixa a direção das investigações, para realizar uma série de exames médicos.

**Atirou pedras**

Ao depor no inquérito, Paulo Honório Pereira, desde os 18 anos trabalhando como bóia-fria na região de Leme, disse que um soldado — alto, moreno, olhos verdes, que usava boina e blusão de couro preto — lhe deu um tiro a 15 metros de distância atingindo sua perna. Segundo o delegado José Tejero, o trabalhador admitiu que durante o conflito atirou pedras no ônibus que conduzia 43 bóias-frias que seguiam para o trabalho e também na tropa de choque. Para o delegado, o soldado que baleou Paulo Honório Pereira, de acordo com sua descrição, seria do policiamento ostensivo, já que a farda da tropa de choque é diferente e que estes não usam armas.

**Tiro a distancia**

O delegado José Tejero afirmou que um termo usado pelo legista Gerhard Gaetz gerou a notícia, dada por ele, segundo a qual Cibeles — uma das duas pessoas mortas em Leme — foi alvejada a queima roupa.

— O legista citou a palavra chamuscamento, o que dava a entender que o tiro foi a queima-roupa. Esta versão, que me foi passada por ele, foi divulgada. No entanto, o chamuscamento que ele citou nada tinha a ver com o tiro a queima roupa. O legista estava se referindo — apenas à queimadura provocada pela entrada da bala, o que é normal nesses casos, mesmo sendo um tiro disparado a distância como foi o que matou Cibeles — explicou.

**(Página 13)**